

## **"Quem Ama Não Mata": Uma Análise da Cobertura sobre Femicídio no Portal G1 RN<sup>1</sup>**

Cecília Costa Medeiros do NASCIMENTO<sup>2</sup>

Mônica Mourão PEREIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Este trabalho pretende realizar uma análise da cobertura jornalística de dois casos de feminicídio, publicadas no portal G1 RN, pertencente ao Grupo Globo, que ocorreram nos anos de 2014 e 2016, para identificar se houve alteração em seu discurso após a Lei Nº 13.104/15 (Lei do Femicídio) ter sido promulgada no Brasil. A Análise do Discurso (AD) foi utilizada como método de pesquisa no campo do jornalismo. A partir dessa amostra verificou-se que o discurso jornalístico relacionado continuava semelhante, com a culpabilização das vítimas, a falta de contextualização dos assassinatos e formações discursivas com viés machista em ambos os casos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa; Femicídio; Cobertura Jornalística; Análise do Discurso; Formação Discursiva.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho surge de uma motivação pessoal da autora em torno da temática feminicídio e o Jornalismo. Em suas pesquisas independentes, a autora observou que a cobertura dos casos de feminicídio, um crime misógino, realizados pela imprensa é, muitas vezes, desrespeitosa, romantizada, sem profundidade e com viés machista.

Em 9 de março de 2015, a Lei Nº 13.104, mais conhecida como a Lei do Femicídio, foi promulgada no Brasil. A partir disso, o Código Penal brasileiro incluiu o feminicídio como homicídio qualificado e crime hediondo. Sendo considerado feminicídio quando envolve violência doméstica e familiar e/ou menosprezo e ou discriminação à condição de ser mulher (Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de/em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Jornalismo da UFRN, email: [88medeirosceci@gmail.com](mailto:88medeirosceci@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora do Curso de Jornalismo da UFRN, email: [monica.mourao@ufrn.br](mailto:monica.mourao@ufrn.br)

Nesse sentido, a imprensa tornou-se uma ferramenta imprescindível na divulgação de informações sobre casos de feminicídio. Este estudo prevê uma análise acerca do discurso da imprensa após a Lei do Feminicídio ter sido sancionada e incluída na legislação brasileira, para identificar se houve alguma alteração em seu discurso.

## **METODOLOGIA**

Para compreender a Análise do Discurso francesa (AD) como um método de pesquisa jornalística, é importante assimilar que o jornalismo é visto como um discurso “dialógico, polifônico, opaco, ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos, elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares” (BENETTI, 2008, p. 107). Por essa perspectiva, no jornalismo, o conceito de intersubjetividade é utilizado para identificar que “o discurso não existe por si mesmo” (BENETTI, 2008, p. 108).

Para o filósofo Michel Foucault, a produção do discurso na sociedade seria uma ferramenta “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 1990, p. 8).

Nesse sentido, uma reflexão acerca de que a construção do discurso está voltada a quem detém o poder – para além do Estado – e das relações sociais. Foucault (1990, p. 10) indica que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

No livro “Metodologia de Pesquisa em Jornalismo”, a pesquisadora de Comunicação Marcia Benetti explica que para compreender o discurso no jornalismo é necessário enxergá-lo como um produto de sentidos feito em um contexto social, histórico e cultural e por sujeitos que estão neste meio.

Deve ser levado em consideração a ideologia e a linguagem na construção do discurso, bem como a relação com o leitor e suas influências. Para o estudo dos sentidos presentes no texto jornalístico, é necessário ter a compreensão que o discurso é criado a partir de condições externas e anteriores também (BENETTI, 2008, p. 111).

A lógica da AD parte do princípio de que “um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra” (BENETTI, 2008,

p. 112). Para identificar as marcas discursivas e as circunstâncias ideológicas no texto jornalístico, devem ser analisadas as formações discursivas (FDs), conceituadas como “aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito” (BENETTI, 2008, p. 112).

Diante disso, foi escolhido o portal G1 RN, pertencente ao Grupo Globo, para realizar a análise do discurso da cobertura jornalística de casos de feminicídio no Rio Grande do Norte. A proposta deste trabalho é apresentar uma amostra ao analisar como o G1 RN atua na abordagem de casos de feminicídio, com o recorte baseado na data de promulgação da Lei do Feminicídio no Brasil. O estudo pretende examinar se houve alguma alteração no discurso na cobertura jornalística feito pelo portal após a Lei nº 13.104/15 ter sido promulgada.

## ANÁLISE

Foram levados em consideração três aspectos: pré-análise; ser a primeira notícia sobre o caso e ter sido publicada no mesmo dia do assassinato; e ano do caso do feminicídio. Serão analisados dois feminicídios noticiados pelo G1 RN: o “Caso Iane Maria da Silva”, de 2014, antes da Lei do Feminicídio ter sido sancionada (Caso 1), e o “Caso Anna Lívia”, de 2016, um ano após a Lei do Feminicídio ter sido promulgada (Caso 2).

Será analisado um texto jornalístico de cada um dos casos apresentados, a partir de duas categorias: (1) título e (2) linha fina. Dessa forma, será comparado o discurso de cada uma das notícias e os respectivos períodos em que foram publicadas no G1 RN. Um ponto importante a ser ressaltado é que não foram consideradas as assinaturas nas matérias, já que será observado o veículo de comunicação G1 RN como um conjunto, e não individualmente.

A análise será iniciada pelos títulos das matérias, a Categoria 1. No Caso 1, o título da matéria é [“Mulher é morta com tiro de espingarda no interior do RN; marido é suspeito”](#), já no Caso 2, o texto é intitulado como [“Mãe é morta a facadas em Grande Natal enquanto amamentava bebê”](#).

Nos casos analisados, as vítimas são colocadas na voz passiva: como “Mulher” e “Mãe” nos inícios das frases, nos enunciados as vítimas estão em destaque, sendo

empregado o verbo “matar” para ser o complemento do sentido da frase. A mulher é colocada como sujeito, ou seja, há um viés de culpabilização da vítima no discurso.

No Caso 2, a vítima também é apresentada como a mãe que estava amamentando uma criança, que possivelmente é seu filho. Em relação a isso, é possível analisar de algumas formas: a tentativa de humanizá-la, de denunciar a barbaridade deste assassinato ou criar um sensacionalismo em volta de crime considerado hediondo – um crime grave, gera indignação da opinião pública e cliques na notícia no portal.

No Caso 1, é descrito que a vítima foi morta com um tiro de espingarda, já o Caso 2 cita que a vítima foi morta a facadas enquanto amamentava um bebê. Não fica completamente explícito qual é o contexto das mortes inicialmente. Pode haver diversas interpretações devido à construção da narrativa. No Caso 2, de Anna Livia, embora haja as características de um feminicídio, isso não está presente no título do texto, por exemplo.

Nos dois casos, como foi observado, as vítimas foram culpabilizadas e revitimizadas já no título dos textos. Isso pode indicar uma FD machista, pois há a responsabilização da mulher pela sua própria morte. A partir disso, é analisado que o real sujeito da ação é apagado da oração, o feminicida é ignorado e o contexto das mortes não é explícito, abrindo brechas para outras interpretações acerca dos assassinatos.

Para contextualizar a segunda parte da análise, a linha fina do Caso 1 consiste em “Vítima foi morta na madrugada deste domingo (31) em Coronel João Pessoa. Polícia acredita em crime passional; suspeito é procurado em mata fechada”. “Ex-marido confessou crime e se apresentou à polícia. Crime aconteceu em São Gonçalo do Amarante na tarde desta segunda (12).” é a do Caso 2.

No título do Caso 1, foi observado que o marido é o suspeito do assassinato; como complemento, há a polícia como fonte e o assassinato visto como “crime passional”. Esse termo é utilizado para associar o resultado de um crime ao excesso de emoção, como ciúmes e paixão. Sua presença na linha fina contribui para que o leitor interprete que o marido matou sua esposa por amar demais, pela paixão que sentia pela vítima, um assassinato socialmente justificável.

No Caso 2, a linha fina é iniciada com o “Ex-marido confessou o crime”, uma morte que envolve violência doméstica e familiar. No entanto, o termo feminicídio não

é citado, o que apresenta uma falta de contextualização da violência, mesmo que as circunstâncias do assassinato indiquem características desse crime. A frase é completada por “e se apresentou à polícia”, o que constrói uma narrativa de arrependimento pela morte da vítima por parte do feminicida.

Na Categoria 2, a FD machista e, por consequência, de relações de poder e gênero, é repetida. A narrativa é baseada no “crime passional” e no “arrependimento”; os dois homens assassinaram mulheres com quem possuíam algum tipo de envolvimento afetivo. Em ambos os casos, é possível interpretar um discurso da redenção masculina.

## RESULTADOS

Em um panorama geral, até 2016, ano do Caso 2, o discurso do portal G1 RN continuava semelhante ao Caso 1, que aconteceu em 2014, até mesmo em relação à estrutura textual e à construção de narrativas quando a pauta é feminicídio.

Pontos como a culpabilização, falta de identificação da vítima e apagamento da sua história, a revitimização e não haver a presença do termo “feminicídio” foram algumas das observações feitas neste trabalho.

Reforçando os resultados da análise, a doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, Ana Liési Thurler, em seu artigo “Feminicídios na mídia e desumanização das mulheres”, menciona que matérias envolvendo tal temática “são predominantemente descontínuas e pontuais, provocando o sentimento de que os feminicídios são fatos isolados” (Thurler, 2017, s.p).

Desse modo, é indicado um estudo com mais profundidade sobre a temática a partir de outros *corpus*, mais atuais, para avaliar se o discurso continua o mesmo após oito anos da promulgação da Lei do Feminicídio. Também foi identificada a relevância de uma análise sobre veículos de comunicação independentes e feministas, para identificar se há alguma diferença nas abordagens em detrimento aos veículos mais tradicionais.

Esses passos são importantes para refletir sobre a responsabilidade do discurso da imprensa ao realizar a cobertura desse crime. É possível noticiar os casos sem culpabilizar a vítima e nem reforçar estereótipos de gênero, bem como contextualizar as mortes e dar nome ao crime: feminicídio.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.** Acrescenta o art. 121-A no Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 mar. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm). Acesso em: 29 out. 2023.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France**, 2 de dez. de 1970. 24ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 80 p. ISBN-10: 8515013592. ISBN-13: 978-8515013593.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Dossiê Feminicídio.** Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa/>. Acesso em: 20 out. 2023.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Relatório de Monitoramento da Cobertura de Feminicídio e Violência Sexual.** 2019. Disponível em: [https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG\\_Relatorio\\_MonitoramentoCoberturaFemicidioViolenciaSexual2019.pdf](https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG_Relatorio_MonitoramentoCoberturaFemicidioViolenciaSexual2019.pdf). Acesso em: 28 out. 2023.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo.** 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1 de jan. de 2010. 288 p. ISBN 8532635032.

OLIVEIRA, N.; RODRIGUES, V. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida: A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira.** São Paulo: Drops Editora, 23 de set. de 2022. ASIN: B0BGCCS13S.

THURLER, Ana Liési. **Feminicídios na mídia e desumanização das mulheres.** Palmas: Vol. 3, n. 6, Revista Observatório, Outubro de 2017. 32 p. ISSN 24474266.